



# PREFÁCIO

Rogério Greco

**P**ela primeira vez, não sei como começar. Isso porque fui tomado por um turbilhão de pensamentos após a leitura do livro, que devorei em algumas horas. Muito mais do que a história de uma missão bem sucedida, o livro é uma lição de vida.

Nele, meu querido amigo Bettini narra, na verdade, a vida de um ser humano diferenciado, de um combatente que todos gostariam de ter ao lado, de um filho amoroso, de um marido e pai que se esforça para ser o melhor, e, talvez, acima de tudo, um amigo leal.

O pano de fundo é uma missão especial, entregue a homens especiais. Sabemos que a criminalidade no Brasil cresceu assustadoramente, fruto dos desmandos de governos que nunca se importaram com o cumprimento do Estado Social. Egoístas, genocidas e corruptos, sempre, e tão somente, pensaram em seus benefícios próprios, com seus planos de eternização de poder, fazendo da sociedade sua vítima.

A criminalidade veio ganhando novos contornos ao longo dos anos. Desde a criação do Comando Vermelho, no Rio de Janeiro, no final da década de 1970, onde os chamados “presos políticos” introduziram as táticas de guerrilhas no sistema prisional da Ilha Grande, com leituras e ensinamentos de livros como o Manual

do Guerrilheiro Urbano, de Carlos Marighella, e A guerra de guerrilhas, de Che Guevara, passando pela formação do Primeiro Comando da Capital, em Taubaté, em 1993, inúmeras foram as facções criminosas que surgiram em todo o país.

É do conhecimento de todos que também o foco criminoso dessas facções se adapta às suas necessidades, procurando sempre praticar as infrações penais que lhes sejam mais lucrativas. No final da década de 1980 e início da de 1990, nosso problema maior era com as extorsões mediante sequestro, daí o surgimento da Lei nº 8.072/90, que teve como mola propulsora os sequestros dos empresários Abílio Diniz e Roberto Medina. Os roubos a bancos e a carros-fortes também sempre estiveram presentes. Já há alguns anos, esses grupos criminosos se especializaram em furtos e roubos a caixas eletrônicos. Ultimamente, como forma estratégica de cometimento desses últimos crimes, principalmente do roubo de caixas eletrônicos em agências bancárias, surgiu o Novo Cangaço.

É aqui, portanto, no combate ao Novo Cangaço, que o livro tem o seu auge. A estratégia dessas organizações criminosas que praticam o Novo Cangaço consiste em escolher cidades pequenas, localizadas no interior do país. Então, fortemente armados, os criminosos chegam durante a madrugada (por isso, para alguns, é chamado de Novo Cangaço Noturno, já que também existem os grupos que atacam essas cidades durante o dia) e praticam seus atos de terror.

Armados com fuzis e munidos de explosivos, imediatamente neutralizam qualquer possibilidade de reação policial, haja vista que, nesses lugares, o número do efetivo chega a ser ridículo, contando, muitas vezes, com apenas dois policiais militares. Fazem a população como refém e, covardemente, muitas vezes transformam em escudos humanos quaisquer pessoas que encontrarem pelo caminho.



Indignados com fatos dessa natureza, ocorridos no interior de São Paulo e no Paraná, um grupo de policiais federais de Maringá resolveu agir, com a finalidade de combater essa nova forma de criminalidade. Este livro mostra como funciona o trabalho em equipe, a começar pelo serviço de Inteligência. Sem Inteligência, o trabalho é em vão, pura perda de tempo.

Depois de um trabalho metucioso de investigação, a equipe da Polícia Federal conseguiu identificar o grupo criminoso que atuava, com frequência, naquela região. A partir daí, começava a caçada. O grande problema desses marginais, a partir daquele momento, era que nessa equipe da Polícia Federal estava um sujeito abnegado, disposto a encontrá-los a qualquer custo.

Dentre seus incontáveis cursos, Bettini era Caveira formado no Curso de Operações Especiais Policial – COESP – do BOPE do Rio de Janeiro, considerado um dos mais duros de chegar ao fim, além de também ter o Curso de Operações Táticas – COT – da Polícia Federal, Curso de Atirador de Precisão – COT/DPF, Estágio Básico de Combatente de Montanha – do Exército Brasileiro, Curso de APH tático, também pelo BOPE RJ, enfim, esses criminosos não tinham ideia da pedreira que tinham pela frente.

Após algumas tentativas frustradas buscando se antecipar ao grupo criminoso, finalmente chegou o grande dia. Descobriu-se que o grupo se utilizava dos rios como estratégia de fuga. Esse talvez tenha sido o seu maior erro, pois ali era território da Mamba Negra, a temida embarcação da Polícia Federal, que antes servia aos criminosos, mas agora se dedicava exclusivamente a combatê-los.

Tive o privilégio de conhecer a Mamba Negra pessoalmente. Coincidentemente, no mesmo ano em que se passaram os fatos narrados neste livro, Bettini me concedeu a oportunidade de navegar com eles nos rios do Paraná. Juntamente com a Retomada